

DIA INTERNACIONAL DA MULHER: O MUNDO SEGUNDO AS BRASILEIRAS

METRÓPOLE/PÁG. A14

CÉSAR MELO



MARINA SEGATTI

EUA

"A mesma lógica de violência contra a mulher que existe no Brasil também existe nos Estados Unidos."



THAÍS JUSTEN

ANGOLA

"É comum ouvir comentários machistas ou cantadas enquanto ando na rua. Mas, como boa brasileira, não me intimido."



LUÍSA CRUZ

AUSTRÁLIA

"Na Austrália me sentia mais segura para sair nas ruas, sem tanto medo de assédio nem de violência."



LAMIS MAZLOUM

ARÁBIA SAUDITA

"Na cabeça dos homens da Arábia Saudita, a mulher que usa o véu é mais reservada do que a que não usa."



ANA LAURA NASCIMENTO

FRANÇA

"Para os franceses, o Brasil evoca imagens positivas, mas também clichês racistas, homofóbicos e sexistas."

ALMA



Dia da Mulher
O modo como vivem
as brasileiras pelo
mundo. Pág. A14

Reportagem especial*

Dia Internacional da Mulher



NA WEB
Portal. Veja especial multimídia com mais depoimentos de mulheres estado.com.br/diawm

COMO VIVEM AS BRASILEIRAS PELO MUNDO

‘Estado’ coletou depoimentos de 25 mulheres que moram em diferentes países

Isabela Palhares
Juliana Diógenes

Nos Estados Unidos, Raquel se sente pressionada para sempre parecer uma “mulher perfeita”. Na Índia, Ana tem dificuldades para encontrar preservativo e absorvente, pois a compra é feita praticamente de forma clandestina. Na África do Sul, Juliane não tinha coragem de sair à noite, mesmo que de carro. Já Luísa circulava sem problemas na Austrália, mas se incomodava de ser considerada “exótica”.

No Dia Internacional da Mulher, o Estado coletou depoimentos de 25 brasileiras que moram ou moraram em diferentes países, de todos os continentes, para contar como é a vida da mulher nesses locais. O

que é permitido a uma mulher na Arábia Saudita? Como é a vida delas no Timor Leste? Qual o grau de liberdade têm na França? Nesta página estão cinco desses relatos – e os demais compõem o especial que pode ser acessado no estado.com.

Hoje, mulheres vão sair às ruas em pelo menos 30 cidades brasileiras e outras 150 em todo o mundo e prometem fazer ainda uma paralisação internacional. A Greve Internacional de Mulheres (GIM), também denominada Paro Internacional de Mujeres e International Women’s Strike, não pertence a coletivo ou país em específico. É um movimento organizado por mulheres de mais de 40 países.

No Brasil, o movimento é chamado de 8M, sigla para 8 de março. Inspirado no Women’s March, ocorrida nos Estados Unidos em janeiro, surgiu no País

DUAS PERGUNTAS PARA...

Natalia Corazza, pesquisadora sobre gênero da Unicamp

1 Por que há comportamentos machistas em todo o mundo? Essa opressão não se dá porque a mulher é mais fraca. Tem a ver com construções culturais. O machismo é mais estrutural do que o que está aparente – como a liberdade de usar minissaia ou burca. Ele se refere também à produção de masculinidades esperadas. Atributos considerados femininos, como doçura ou cuidar

dos filhos, não podem ser vistos em homens pela construção machista.

2 Há fortalecimento do movimento feminista nos últimos anos? Há uma guinada à direita em todo o mundo. E, em contrapartida a isso, a resistência se fortalece. A internet e as redes sociais também possibilitaram circulação maior e mais rápida do que acontece. /I.P. e J.D.

no mês passado.

Criadora do 8M em São Paulo, a cineasta e pesquisadora Marina Costin Fuser contou que aceitou o convite da

milite feminista americana Angela Davis. Filósofa presente no ato norte-americano em janeiro, Angela leu uma carta pedindo a união de mulheres e

convocou uma mobilização mundial. Há um mês, criou um grupo de discussão sobre o 8M no Facebook que, em dois dias, mobilizou 5 mil pessoas interessadas em organizar o ato de hoje em todo o Brasil.

‘Primavera feminista’. “Estamos no auge da primavera feminista, com a juventude pautando. O feminismo está na ordem do dia. Portanto, no 8M, levantaremos bandeiras contra a violência doméstica, pela legalização do aborto, contra a pedofilia e violência infantil pela igualdade de gênero no local de trabalho”, afirma a criadora do movimento em São Paulo.

De acordo com Marina, para quem não puder interromper o trabalho hoje, fica o convite para suspender as atividades domésticas. Outra sugestão do 8M para hoje é que as mulheres se redimam para debater sobre desigualdade de gênero entre 12h30 e 13h30 (horário estabelecido pelo grupo no Brasil).

Natalia Corazza Padovani, pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), conta que o movimento feminista se fortaleceu em reação à uma guinada conservadora em andamento ao redor do mundo. Para ela, a opressão das mulheres se manifesta de diversas formas e em vários países e, por isso, acredita, o combate ao machismo ganha com a ação conjunta.

Estados Unidos



Marina Segatti. Professora e ativista em São Francisco

‘AQUI, NÃO SE ESTÁ IMUNE À VIOLÊNCIA’

“Enquanto mulher, lésbica, migrante e latina, morando na Baía de San Francisco, ser mulher perpassa várias dessas identidades. Durante a maior parte dos 10 anos que vivo aqui, tenho trabalhado no serviço doméstico, cuidando de crianças. Na maioria das vezes, é isso que cabe à mulher latina: participar na economia informal. Sinto-me livre ao andar pelas ruas, segurando a mão da minha parceira ou ao ser afetuosos com ela em lugares públicos. Sinto-me livre quando decido adotar uma aparência masculina, pois sei que não serei alvo de chacota. Mas a mesma lógica de violência contra a mulher que existe no Brasil também existe nos Estados Unidos. Não estou imune. Não ando à noite sozinha em lugares que não conheço, procuro saber onde e quando beber e como lidar com o assédio sexual em festas, principalmente enquanto brasileira, que é frequentemente objetificada.”

França



Ana Laura Nascimento. Atriz na capital francesa, Paris

‘PERGUNTAVAM: VOCÊ É MULHER DE VERDADE?’

“Ser mulher na França, para mim, é ser ‘exotizada’. Quando você fala para um francês que é brasileiro, o Brasil evoca muitas imagens positivas. Mas essas imagens positivas, muitas vezes, trazem clichês racistas, homofóbicos, transfóbicos e sexistas. Quando eu comecei a trabalhar na França, na minha primeira semana de trabalho, colegas mostraram vídeos de bailarinas brasileiras dançando e perguntando se eu usava calcinha fio dental. Eles achavam que isso era uma forma de puxar assunto sobre o Brasil. Assim como já fui a uma festa – isso já me aconteceu algumas vezes – e alguém perguntou: ‘Você é brasileira? Você é uma mulher de verdade?’ No momento em que a pessoa me perguntou isso pela primeira vez, não entendi o que era. Demorei para entender que era realmente um comentário transfóbico. Porque existe a fama das transexuais brasileiras na França. Muitas vezes todos esses clichês trazem tudo isso de negativo com as mulheres brasileiras.”

Austrália



Luísa Cruz. Gerente de satisfação do cliente em Melbourne

‘PERPETUA-SE O ESTEREÓTIPO DE SER SEXY’

“Ser mulher em um país como a Austrália me permitiu ter mais liberdade do que no Brasil. Eu me sentia mais segura para sair às ruas, sem tanto medo de assédio ou violência. Tinha um grau de liberdade maior do que no Brasil, apesar de às vezes ser mais sexualizada. Alguns disseram que eu era exótica e outros perpetuavam o estereótipo de brasileira ser sexy. Sempre me permitiu fazer o que quisesse no Brasil e até sofri por isso porque fui assaltada várias vezes e permitia fazer o que quisesse. Mas nesse período em que morei lá não tive nenhum incidente por ser mulher – exceto a hipersexualização de alguns, por ser brasileira. Foram poucas as vezes em que precisei estar sozinha, mas não deixei de fazer coisas sozinha. Confesso que ser mulher significa sempre ter medo de andar na rua sozinha, no Brasil ou na Austrália. Mas, talvez por ter nascido num país violento, essa sensação me acompanha.”

Angola



Thais Justen. Analista internacional em Luanda

‘É COMUM OUVIR CANTADAS NAS RUAS’

“Minha vida em Angola é parecida com a que tinha no Brasil. Trabalho de segunda a sexta, vou ao cinema, saio com os amigos, faço exercícios na Marginal de Luanda, vou à praia... Luanda é tão quente e úmida quanto o Rio, então uso basicamente as mesmas roupas. É claro que a sociedade aqui ainda é muito centrada no homem. É comum ouvir comentários machistas ou cantadas enquanto ando na rua. Mas como boa brasileira que sou, não me intimido. Respondo de volta e os caras logo param. Sendo mulher, me permito fazer quase tudo em Luanda. Moro no centro e faço muita coisa a pé: mercados, trabalho, restaurantes. Saio também para a balada sozinha sem problemas. Durante o dia, até me permito andar de candongas – ostáxis azul e branco, parecidos com os vans do Rio – mas procuro sentar próximo de outras mulheres ou do motorista. De noite, só uso ostáxis de cooperativas com motoristas credenciados e rastreados. De resto, evito andar sozinha.”

Arábia Saudita



Lamis Mazloum. Dona de casa na cidade de Jeddah

‘VIVE-SE UMA LIBERDADE MODERADA’

“Sou brasileira-libanesa e sempre vivi no Brasil. Caí e meu marido trabalha na Arábia Saudita. Então, passamos a morar aqui. Em Jeddah, quase todos os restaurantes têm uma seção só para famílias e outra totalmente separada, onde entram só homens solteiros – e não mulheres solteiras. Sou muçulmana e para mim é natural cobrir o cabelo, usar o véu. Posso andar no shopping sozinha. Mulher não pode dirigir aqui. Quando não saio com meu marido de carro, pego Uber. Tive uma situação que passei que fiquei com um pouquinho de medo. Não usava véu, mas depois dessa situação preferi começar a usar. Porque os homens mexem. Não é que usar o véu vai me proteger, mas talvez na cabeça dos homens a mulher que usa o véu é mais reservada do que a mulher que não usa. É como se fosse no Brasil: mulher de minissaia na rua é comparável à mulher sem véu na Arábia Saudita. É liberdade moderada.”

FALTAM MULHERES NOS NOMES DE RUAS

Marco Antônio Carvalho

O Estado leva à Câmara Municipal de São Paulo hoje, Dia Internacional da Mulher, o resultado do projeto #SomosMaisQue60PorCento, uma iniciativa para tornar a cidade mais diversa. A partir de uma pesquisa que apontou que 84% das ruas que homenageiam pessoas ilustres na capital se referem a homens, o projeto criou uma plataforma onde qualquer pessoa poderia indicar mulheres que merecerem seus nomes nas ruas e avenidas. Com 1,125 milhão de votos, a

personalidade mais votada foi a artista Dercy Gonçalves.

O site oferecia desde 25 de janeiro, aniversário da cidade, a possibilidade para votar em personalidades, assim como sugestões de novos nomes em áreas como Política, Ciências e Cultura – foram mais de 280 personalidades.

A artista plástica Tomie Ohtake, a escritora Hilda Hilst, a atriz Marília Pêra e a pedagoga Dorina Nowill estão entre os mais votados. A lista completa está no 16porcento.com.br

O site ainda tem uma seção de curiosidades sobre a discrepância entre homens e mulheres nos nomes de ruas: a

cidade tem, por exemplo, 1.081 ruas homenageando Joões e só 419 homenageando Marias. Quase 52% da população paulistana é mulher, e, ainda assim, só 16% das ruas têm nomes femininos.

A ideia do projeto era montar um banco de dados de figuras femininas ilustres e entregar documento

Referência. Tomie Ohtake foi lembrada.



para a Câmara Municipal, incentivando a mudança dos 16%. “Houve grande participação, o que resultou em expressiva votação, ajudando ainda a espalhar a história dessas mulheres”, disse Marcelo Moraes, diretor de marketing publicitário do Estado.

Essa foi a terceira ação desenvolvida pelo jornal sobre o tema da igualdade de gênero no último ano. Antes, o grupo desenvolveu o #7Minutos16 por cento, lembrando o

número de denúncias de agressões contra mulheres, e a “Músicas de Violência”, com o aplicativo Shazam para evitar que usuários fizessem download de canções que podem incitar o abuso. “Ainda vivemos em uma sociedade desigual e ações de conscientização são muito importantes”, afirmou o diretor.

“Levantamos a discussão e entregamos a solução. Se tinha desculpa antes, agora não tem. São pessoas que tiveram papel fundamental na construção da força desse País e que merecem a homenagem”, disse Joanna Monteiro, chief creative officer da FCB Brasil, agência criadora da campanha. “Escolhemos esta data para terminar a campanha como presente que homenageia o dia.”